

Tempos de *ignoródio* e o trabalho com povos originários no Brasil

Vanusa do Rego Barra

Resumo

Uma questão circula a Terra: *Onde estão Bruno e Dom?* Quando o *onde* foi precisado, a *facticidade real* desvelou o *pior*, tal como aquilo que na *Proposição* Lacan nomeou: *terceiro ponto de fuga*, demandando a sustentação da psicanálise em sua extraterritorialidade, diante dos aniquiladores processos de segregação. Krenak considera que esse conflito tem na colonização seus fundamentos. E o ódio, quando se amarra à ignorância, deflagra o que Quinet concerniu como *ignoródio*. Nesse panorama, como a psicanálise *atualizará* seu Ato em direção ao real, a fim de sustentar sua práxis à altura de seu tempo e lugar?

Palavras-chave:

Psicanálise; Ignoródio; Extraterritorialidade; Povos originários do Brasil.

Times of *hatignorance* and the work with indigenous people in Brazil

Abstract

A question circled the Earth: *Where are Bruno and Dom?* When the *where* was specified, the *real facticity*, revealed the *worst*, such as what in the *Proposition*, Lacan named: *third scape point*, demanding the support of psychoanalysis in its extraterritoriality, in the face of the annihilating processes of segregation. Krenak considers that this conflict has its foundations in colonization. And hatred, when tied to ignorance, deflagrates what Quinet concerned as *hatignorance*. In this panorama, how will Psychoanalysis *actualize* its Act towards the real, in order to sustain its praxis at the height of its time and place?

Keywords:

Psychoanalysis; *Hatignorance*; Extraterritoriality; Indigenous peoples of Brazil.

Tiempos de *ignorodio* y el trabajo con pueblos originarios en Brasil

Resumen

Una pregunta dio la vuelta al mundo: *¿Dónde están Bruno y Dom?* Cuando el *dónde* fue precisado la *facticidad real* desveló lo *peor*, tal como aquello que, en la *Proposición*, Lacan denominó: *tercer punto de fuga*, demandando la sustentación del psicoanálisis en su extraterritorialidad, frente a los aniquiladores procesos de segregación. Krenak considera que este conflicto tiene sus fundamentos en la colonización. Y el odio cuando se amarra a la ignorancia, deflagra lo que Quinet acuñó como *ignorodio*. En este panorama, ¿cómo el Psicoanálisis actualizará su Acto en dirección a lo real, a fin de sustentar su praxis a la altura de su tiempo y lugar?

Palabras clave:

Psicoanálisis; Ignorodio; Extraterritorialidad; Pueblos originarios de Brasil.

À propos des temps de l'*ignorhaine* et du travail avec les peuples autochtones du Brésil

Résumé

Une question fit le tour de la Terre : *Où sont Bruno et Dom ?* Quand le *où* fut précisé, la *facticité réelle* a dévoilé le *pire*, de la même manière que ce que dans *Proposition* Lacan a nommé de *troisième point de fuite*, exigeant le soutien de la psychanalyse dans son extraterritorialité, face aux processus exterminateurs de ségrégation. Quant à Krenak, il considère que ce conflit puise ses fondements dans la colonisation. Ainsi, quand la haine se lie à l'ignorance cela provoque ce que Quinet a conceptualisé d'*ignorhaine*. C'est depuis cette perspective que l'on peut se demander comment la psychanalyse va *actualiser* son Acte envers le réel dans le but de maintenir sa praxis à la hauteur de son temps et lieu.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Ignorhaine ; Extraterritorialité ; Peuples autochtones du Brésil.

A carta endereçada por Albert Einstein a Freud (1932/2010), interrogando *Por que a guerra?*, atualiza-se da Ucrânia à Amazônia. Uma de suas versões circulou a Terra em busca de um lugar: “Onde estão Bruno e Dom?”. Após longas duas semanas, quando encontrados — e para além dos movimentos que se puderam observar na efêmera comoção do mundo digital —, evidenciou-se, mais uma vez, outra incidência da segregação sobre a questão indígena no Brasil. Evento que se aproxima em *facticidade real* daquele que Lacan (1967/2003) situou como o *terceiro ponto de fuga*, insistindo sintomaticamente e demandando a sustentação da psicanálise em sua extraterritorialidade. Porém, como sustentar o discurso do analista em situações extremas?

Lacan (1967/2003) propôs a expressão *psicanálise em extensão*, para se reportar à incidência do discurso analítico no mundo, considerando o posicionamento ético em relação ao desejo e político em relação ao sintoma, tanto da psicanálise quanto dos analistas diante determinados eventos sociais. Já a *psicanálise em intensão* se ocupa de cada percurso de análise, bem como da formação dos analistas, uma vez que para Lacan o Ato analítico provém de um passe dentro da análise pessoal. *Intensão* e *extensão*, embora distintas, caminham juntas. Assim, desde Freud (1930/2010), a psicanálise vem recolhendo os mal-estares da cultura e mapeando os problemas cruciais que desafiam cada época.

Nessa direção, Quinet atualiza essa orientação política, afirmando que:

O analista deve se opor ao calafrio, ao calabouço e ao cala-boca e lutar com o discurso do analista pela diversidade, pelo debate *versus* o embate, pela livre associação de pessoas e ideias, pela transmissão da memória e pelo sujeito do desejo que é sujeito da história e do direito. (Quinet, 2021, p. 122)

Se o Brasil vem há séculos assistindo ao apagamento de povos e ativistas que se posicionam a favor das diversidades, caberia relançar ao campo psicanalítico a óbvia questão que se segue.

Por que a guerra contra os povos originários no Brasil?

(...) e aquilo que nesse momento se revelará aos povos
surpreenderá a todos, não por ser exótico
mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
quando terá sido o óbvio.
(Trecho da canção “Um índio”, Caetano, 1977)

Desde a primeira das guerras historicamente registradas no Brasil, iniciada com a invasão territorial, a *guerra biológica*, responsável pela devastação de etnias

em função da não imunidade dos nativos em relação às doenças trazidas pelos colonizadores, até a *guerra justa*, o genocídio está em marcha. Sonia Guajajara situou a *guerra justa* como aquela na qual a Igreja Católica exterminava os que não aceitavam a evangelização, ficando os nativos impedidos de falar a própria língua, assumir sua etnia, “tinha que negar para poder ser aceito” (Bolognesi, 2019). Krenak complementa que os povos indígenas “não têm paz em lugar nenhum, é guerra em todos os lugares o tempo todo. (...) foram escravizados à exaustão, foram mortos aos milhares” (Bolognesi, 2019). Assim, Cunha (2012) historiciza os inumeráveis povos e ativistas exterminados.

O recente desvelamento da tragédia humanitária com os Ianomâmis, por conta do garimpo ilegal e do crime organizado; passando pela contaminação e morte do *Watú* (rio Doce) dos Krenaks; até o já esquecido remanejamento governamental dos Assurinís do Tocantins nos anos 1970, que levou tal povo para longe do rio, por conta da construção da hidrelétrica de Tucuruí, são três exemplos de uma série de incidências da segregação.

De um lado, atos degradantes e, de outro, originários, reexistindo aos processos de segregação, que também parecem ter suas coordenadas no real. Sombra similar àquela que Lacan (1968/2003) referiu como *advento* e que situou como a mola do processo que sustentou os campos de extermínio nazistas, correlatos da universalização dos sujeitos pela ciência. Lacan (1967/2003) vislumbrou que os processos de segregação ficariam cada vez mais duros, na medida em que a cultura buscasse seu equilíbrio no mercado comum.

Krenak (2020) considera que esse conflito contra os povos originários no Brasil tem no território invadido e no processo de colonização seus pontos fundamentais, uma vez que para tais povos a relação com a terra se constitui de forma distinta da relação mercantilista cunhada pela lógica eurocêntrica. Se a *facticidade real* se dá no enodamento do simbólico e imaginário, estaria nessa amarração a sustentação da ignorância em relação à própria origem, que estruturou uma noção de cultura brasileira negando as demais originárias?

Para Lacan (1973a/2003), o racismo, na prática, comparece nos discursos, e a partir daí pode ser lido como a expressão odiosa da intolerância à diferença e da aniquilação do gozo do Outro, expresso com justificativas que Quinet (2021) aproximou da realidade brasileira com as seguintes afirmações extraídas da sociedade: o índio deve ser hostilizado porque é “preguiçoso” e “indolente”, e exterminado “justamente” pela não pertença ao mundo cristão. Quando a paixão da ignorância se aglutina à paixão do ódio em seu duplo sentido: nada querer saber e agir com violência, torna-se o que esse autor definiu como “a dupla paixão do ignoródio”, apta a atacar seus alvos, contribuindo com o entendimento de que a eugenia tem sido uma estratégia política, que busca a limpeza de todo o gozo, a eliminação de opositores, a criminalização de ativistas e movimentos sociais,

instalando “a ordem e o progresso em nome da família, da pátria, de deus e do capital” (Quinet, 2021, p. 122). Considerando o modo como o sistema capitalista se inscreve nos laços sociais, faz-se crucial questionar a dimensão sintomática da violência e do extermínio do Outro, que resulta nessas sucessivas tentativas de apagamento das diferenças, línguas e culturas originárias, entre outras.

Ao ser indagado sobre a identidade brasileira, Viveiros de Castro (2022) respondeu que, “entre o paraíso e o inferno, existe a terra. E a terra é dos índios. Isso posto, no Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é”, evidenciando uma torção fundamental para pensar estruturalmente quais os fundamentos da violência direcionada aos povos originários no território brasileiro. Tratar-se-ia de uma ignorância em relação a essa origem? Ignorância forjada desde a *guerra justa*, ou seja, sustentada por uma negação compulsória fundamental? Que pôs um véu sobre a óbvia raiz brasileira?

Quinet (2021) desdobra o *ignoródio* em três tipos de negação: *no recalque*: sabe-se da diferença, mas não se quer haver com ela e se odeia quem sabe, quem a expressa ou lembra de sua existência, assim faz a neurose; *no desmentido*: sabe-se da diferença, mas ela não deve existir, assim a perversão acentua-a com seu ódio para justificar seu extermínio; e na *forclusão*: tem-se certeza de que não há diferença, há a eliminação de qualquer forma que esta contingencialmente apareça, busca-se expurgá-la, assim como na psicose.

Se a invasão do território e a lógica racista-colonialista são os fundamentos estruturais dessa guerra no Brasil, poderia o discurso psicanalítico ser uma ferramenta para o desvelamento e a desmontagem dessa estrutura trágica, tal como faz com a fantasia na clínica subjetiva da neurose? Operando, talvez, uma abertura desalienante entre o sujeito e o Outro colonizador, no sentido da “separação” tratada por Lacan (1964/1998)? E criando, quem sabe, condições para a invenção de um desejo novo e “mais digno”, como apostou Lacan (1973a/2003). Um saber fazer que possa incidir na tela da pólis, pela via dos laços sociais, menos narcísicos, capazes de deixar vivas as diversas culturas em vez de apagá-las?

Os noticiários deram a ver ao mundo que Dom e Bruno traçavam uma pesquisa diametralmente oposta à da exploração, uma vez que buscavam saber “Como salvar a Amazônia?”. E cabe registrar que essas articulações foram iniciadas, contingencialmente, no tempo de suspensão em que no Brasil e no mundo ecoou a angustiante busca pelo indigenista e pelo jornalista, desaparecidos na terra do Vale do Javari, dentro da floresta amazônica, enquanto trabalhavam por sua preservação.

Sobre os pássaros que voam ao contrário

(...) y todas las tardes
cuando los pájaros regresan a los árboles
busco al que vuela al revés.
(Trecho de “Gansos”, Agi Mishol, sem data)

Emprestando da israelense Agi Mishol, a noção do *pássaro que voa ao contrário* do bando, pois interessa acentuar o que trouxe um pássaro, desses que voam ao contrário, quando veio para sua sessão de análise, após o domingo em que Bruno e Dom desapareceram, falar, angustiado, que sentia “medo”.

Como seguir trabalhando com antropologia na Amazônia diante desse risco factual de extermínio?

Constatara, em suas próprias asas, a real densidade do ar da floresta. Clima que se repete há séculos, relacionado com as violências e os conflitos territoriais na Amazônia, conforme se pode ler em trabalhos de campo como o da antropóloga Silva (2015), um estudo que aponta os conflitos sociais, ambientais e o mau uso de recursos naturais em uma região do Amazonas muito próxima daquela onde Bruno e Dom desapareceram.

O *pássaro que voa ao contrário* articulou que, além das dificuldades inerentes ao contexto conflituoso, a atual conjuntura política de seu país não lhe garantia a liberdade necessária para seguir seu contravoo, desenvolver sua pesquisa e investigar o que desejava saber acerca dos conflitos na floresta. Também temia pelo projeto de semear uma formação que colocaria outros pássaros dentro da guerra. Como mestre, ansiava por formar outros pesquisadores para cuidar do território, a fim de que não mais fosse preciso importar mentes para ocupar tais espaços. Porém, diante do horror da guerra, esse pássaro se percebia recuando, a contrapelo, de um de seus projetos de vida, uma vez que constatara a própria vida em risco.

Tempo duro para os defensores dos direitos humanos, retratou Quinet (2022), ao tecer suas considerações sobre a atmosfera política a serviço do ignoródio no Brasil pandêmico. E se, nos sujeitos humanos, “os afetos são sujeitos à história”, como enfatizou Soler (2022), Silva (2015, p. 1), ao expor sua experiência de campo, agudiza o conflito até o ponto em que as palavras perderam totalmente a função de anteparo à violência; “daí em diante, onde houvesse qualquer contato, a reação seria o confronto físico”.

Bruno Pereira foi afastado de sua função junto à Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e posteriormente perseguido por conta do trabalho de denúncia de abusos a povos semi-isolados e territórios explorados que vinha realizando. Como um pássaro que voava ao contrário, sofreu dessa impossibilidade de relançar o laço social e político diante do não estabelecimento de leis claras e da carência do Estado em assegurar direitos. Diante desse projeto de governo, Viveiros de Castro (2022) constata:

(...) indígenas, na cidade e no campo, são sistematicamente trucidados por jagunços a serviço da classe proprietária “branca”. (...) Onde lutar contra

a devastação do ambiente é receber uma sentença de morte. (...) O Brasil é um país estruturado geneticamente pelo instituto da escravidão, negra e indígena. Se existe algo como uma “identidade brasileira”, esta teria de consistir em uma certa qualidade sinistra, difusa das relações sociais, onde toda diferença é gatilho para o ódio; no descaso, não isento de hostilidade, diante de uma natureza cada vez mais devastada (...). Essas características, que, escusado dizer, estão longe de serem compartilhadas igualmente por todos os habitantes do Brasil, são continuamente alimentadas por um *habitus* entranhado nas instituições nacionais, proveniente do espezinhamento multissecular dos povos indígenas e da população escravizada de origem africana.

Como um pássaro que voava ao contrário, na contracorrente das moções pulsionais odiosas, Bruno ultrapassou uma das mais importantes barreiras, a saber: a da língua. Isso lhe possibilitou o intercâmbio cultural e o diferenciou no conjunto de brasileiros, já que sustentou laços com alguns outros povos originários do Brasil. Ao entoar o cântico indígena *Wahanararai*, ultrajou o *ignoródio*. Fez ecoar, por meio de sua voz, uma língua outra que não a do colonizador, dando passagem a uma cultura estrangeira, mas igualmente íntima de si em si.

Soube que no coração da mata os povos indígenas isolados lançavam seu grito de recusa contra a violência invasora. A voz dos povos indígenas isolados, daqueles que duramente sobreviveram a massacres e pestilências nossas, ecoou pelo mundo afora porque Bruno espalhou seu desejo: o desejo de deixá-los em paz, sem os burocratas do Estado, sem as fardas de militares que empunham armas, sem as cruzes sagradas das missões da morte, sem o brilho de ouro falso do capital insaciável. (Fragmento de “Nota de tristeza e revolta do Observatório dos Direitos Humanos dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato”, Ninja, 2022)

Novamente, *o pássaro que voa ao contrário* retoma a palavra em sessão:

(...) no ato em vigília à memória de Bruno e Dom, realizado na Praça da República (em Belém), senti angústia quando ouvi a gravação de Bruno cantando em língua Kanamari (...) um lindo canto, tão leve (...) mas tão doído (...). Terrível saber que ele incomodou apenas por trabalhar com aqueles que cuidam da Terra? Terrível!

Por que a Terra se torna terrível? Seria esse o modo como o cientista social interroga, hoje, o *ignoródio* no mundo, tal qual, em outra guerra, fez o gênio da físi-

ca ao primeiro psicanalista? Ao passo que este, no fim da Primeira Grande Guerra Mundial, rascunhou uma posição insistente: apostar no trabalho do luto! Advertindo que, por mais dolorosa a perda, ela terá seu fim. A dor passaria ao passo que se renunciasse ao que se perdeu, deixando a libido livre para novos investimentos.

Cabe esperar que não seja diferente com as perdas dessa guerra. Superando o luto, percebemos que a nossa elevada estima dos bens culturais não sofreu com a descoberta de sua precariedade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de modo mais duradouro que antes. (Freud, 1916/2010, pp. 251-252)

Essa aposta freudiana, cara aos analistas, está à altura dos problemas aqui colocados? Diante da impossibilidade de relançar o laço social, torna-se fundamental amplificar vozes como as de Krenak & Yussef (2022), que criticam a lógica ocidental capitalista, retomando a fala de Davi Kopenawa Yanomami sobre o Ocidente ser a *civilização da mercadoria*, com a relevância de ser alguém fora do Ocidente, um xamã Ianomâmi, posicionando-se. E, nessa lógica, denunciam que significativa parte da população está excluída da civilização, pois:

(...) vive nas bordas do planeta sendo bombardeada em campos de refugiados e comendo as migalhas do mundo desenvolvido (...) não tendo chance nenhuma de participar do clube da civilização ocidental (...). Quem está dentro do clube fala que está tudo bem. Os que estão de fora não dizem nada, eles não têm microfone, estão desligados. Então, assim, é uma radical exclusão das outras perspectivas de existência, privilegiando uma só, que eu chamo de monocultura. (Krenak & Yussef, 2022, pp. 62-69)

Como constituir estratégias para ligar *microfones* e fazer falar a diversidade? Krenak (Krenak & Yussef, 2022) vem fazendo sua sementeira em um projeto de *reflorestania*, uma cidadania que comporte a diversidade das vidas e cosmologias originárias e ancestrais.

Como furar a monocultura do *ignoródio*, a fim de *reflorestar* o solo da ignorância com diversas se-mentes?

Lacan (1967/2003) propôs aos analistas o rompimento com a rotina; “para tanto é preciso levar em conta o real” (Lacan, 1973a/2003) em uma direção que considere a existência do saber no real, mesmo que o analista não o acomode, já que este alberga “um outro saber, num outro lugar”, e que possa pensar “com os pés”, atualizando seu Ato em direção ao real.

Para concluir com um recorte da Constituinte de 1988, no instante em que se insurgiu o gesto “*Rin'tá*” de Krenak, simbolizando suas armas de luto e guerra — sustentando uma fala que segue extremamente atual para a realidade da questão indígena no Brasil —, tingiu o rosto de jenipapo, enquanto transmitiu o modo de *bem-viver* de seu povo, e como tais destoavam da lógica mercantil universalizante, demarcando a singularidade de sua cultura em relação às demais.

Na perspectiva ética que também considera as diferenças, aposta-se que os ouvidos deste *Campo* se abram para a questão indígena, a fim de interrogar a Escola, originalmente eurocêntrica, porém enredada e concernida com a formação dos analistas à altura de seu tempo e lugar, como pretende — de acordo com a proposta de Fingermañ (2016) — se (*de*)*formar*

se deixar furar

arar

semear

reflorestar

pelos saberes e perspectivas ameríndias?

Referências bibliográficas

- Bolognesi, L. (Dir.). (2019). *Guerras do Brasil* [Filme]. Curta!
- Cunha, M. C. (2012). *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania* (10a ed.). São Paulo: Claro Enigma.
- Fingermañ, D. (2016). *A (de)formação do psicanalista*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (2010). A transitoriedade. In S. Freud. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 247-252). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2010). Por que a guerra?. In S. Freud. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)* (pp. 417-435). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932)
- Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo* (2a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A., & Youssef, C. (2022). *Lugares de origem*. São Paulo: Jandaíra.
- Lacan, J. (1998). *O seminário livro 11: os quatro conceitos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Primeira versão da Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan *Outros escritos* (pp. 570-592). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968)
- Lacan, J. (2003). *Nota italiana* (pp. 307-315). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973a)
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973b)
- Mishol, A. (sem data). Gansos. Poema. *Luvina*. Recuperado de <https://luvina.com.mx/poemas-agi-mishol/>
- Ninja (2022, 25 de junho). Observatório de povos indígenas isolados escreve nota emocionante sobre Bruno Pereira. *Mídia Ninja*. Recuperado de <https://midianinja.org/news/observatorio-de-povos-indigenas-isolados-escreve-nota-emocionante-sobre-bruno-pereira-leia-na-integra/>
- Quinet, A. (2021). *A política do psicanalista: do divã para a pólis*. São Paulo: Atos e Divãs Edições.
- Quinet, A. (2022, 4-6 de novembro). *Prelúdio IV: a política a comando do ignoródio*. [Apresentação de trabalho]. In *Encontro Nacional da EPFCL-Brasil*. Curitiba. Recuperado de <https://www.campolacaniano.com.br/2022-preludio-4/>
- Silva, K. (2015). *Parente é serpente: ambientalismo, conflitos sociais e uso de recursos naturais no Auati-Paraná, Amazonas*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Brasil. Recuperado de <http://objdig.ufrj.br/72/teses/827884.pdf>
- Soler, C. (2022). *Os afetos lacanianos*. São Paulo: Aller.
- Veloso, C. (1977). *Um índio*. Canção.
- Viveiros de Castro, E. (2022). *Identidade brasileira*. Recuperado de https://www.academia.edu/84021322/Identidade_brasileira?email_work_card=thumbnail

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022